

## POESIA E DIÁLOGOS POSSÍVEIS: O ESTILO DE MÚCIO BRECKENFELD

### POSSIBLE POETRY AND DIALOGUES: MÚCIO BRECKENFELD'S STYLE

---

Karylleila dos Santos Andrade<sup>1</sup>  
Roseli Bodnar<sup>2</sup>

#### Resumo

Este artigo aborda os aspectos expressivo-emotivos presentes na obra do poeta Múcio Breckenfeld, a partir dos conceitos e princípios da Estilística, apresentados por Guiraud. A partir da análise de poemas dos livros *Folhas de um Vento Espalhado*, *Caleidoscópio de Emoções e Poesia Peregrina*, conclui-se que a poética breckenfeldeana demonstra que o autor baseou sua obra na exploração bem sucedida de expressividade e emotividade, apresentando poemas cadenciados, estrutura simples e temáticas do cotidiano, aliados ao uso de desvios linguísticos com intuito expressivo-afetivo, revelando estados de sua alma, sempre latentes na enunciação das palavras.

**Palavras-chave:** poesia tocantinense; estilística; análise literária

#### Abstract

This article approaches the present expressive emotional aspects in Mucio Breckenfeld's poetic work from Stylistic's principles and concepts presented by GUIRAUD. From the analysis of poems from the books: *Leaves of a Dispersed Wind*, *Kaleidoscope*, *Emotions and Pilgrim poetry*, it is concluded that the breckenfeldean poetry shows the author has based his work on the expression and emotion exploitation depicting cadenced poems, simple structures, and day to day themes along with linguistic deviations aiming at revealing soul states in an expressive, affectionate intention, always latent in the enunciation of the word.

**Keywords:** poetry of Tocantins; estilistic; literary analysis

A estilística é definida como uma disciplina que estuda os recursos afetivo-expressivos da língua. O indivíduo é conduzido por um sistema linguístico de representações intelectivas que estabelece a interação pela linguagem, utilizando-o para satisfazer os seus impulsos de expressão. A proposta deste estudo é analisar, sob a ótica da estilística, o estilo do poeta Múcio Breckenfeld<sup>3</sup>. Como suporte teórico utilizaremos Guirald e Câmara Jr..

Múcio José Breckenfeld Lopes Fernandes, médico, advogado, romancista, poeta e membro da Academia Tocantinense de Letras, nasceu em Recife-PE em 1961 e mudou-se

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo. Professora dos Cursos de Artes e Filosofia da UFT/Campus de Palmas/TO.

<sup>2</sup> Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora dos Cursos de Artes e Filosofia da UFT/Campus de Palmas/TO.

<sup>3</sup> O autor será referenciado pelas letras MB. Suas obras: *Folhas de um vento espalhado*, *Caleidoscópio de emoções e Poesia peregrina* pelas letras FVE, CE e PP, respectivamente.

para Palmas em 1994. Publicou os livros de poesias *Folhas de um Vento Espalhado*, 2000; *Caleidoscópio de Emoções*, 2001; e *Poesia Peregrina*, em 2007.

Câmara Jr. (1978, p. 15) estabelece três tarefas para a estilística: 1) caracterizar, de maneira ampla, uma personalidade, partindo do estudo da linguagem; 2) isolar os traços do sistema linguístico, que são propriamente coletivos e concorrem para uma língua individual; 3) concatenar e interpretar os dados expressivos, que se integram nos traços da língua e fazem da linguagem esse conjunto complexo e amplo de *enérgeia* psíquica.

Percebe-se, na primeira tarefa, a estilística vista da ótica literária, ou seja, com caráter normativo e objetivo prático tal qual a gramática tradicional a impôs, é a essência da “retórica” helênica ao lado da gramática. Ou, no dizer de Câmara Jr., refere-se ao estudo ornamental em face do analítico. Desvincilhada dos fins práticos, é, por vezes, compreendida como sendo a estilística propriamente dita e descartada às vezes da linguística, como sendo disciplina “literária”. A segunda concentra-se no próprio conceito e aplicação à estilística. Mas é na terceira tarefa que nos deparamos com a concepção de Bally. É com ele que ampliamos o conceito para um caráter mais descritivo-interpretativo, sem considerações de natureza normativa. Vincula-se ao estudo da expressividade numa perspectiva neosaussureana.

Embora seja apreciada como um saber muito antigo, que remonta à tradição retórica dos gregos, o suíço Charles Bally e o alemão Karl Vossler são considerados os fundadores da estilística no início do século XX. Vossler citado por Yllera (1979, p. 22) entende a estilística como uma ciência autônoma que procura explicar e interpretar a natureza da intuição artística, descobrir o princípio e a unidade da obra. Visto que a obra se constitui sobre a dualidade da criação – actividade produtiva – e da aceitação – actividade receptiva -, o método de análise buscar-se-á na consideração de ambos os aspectos, o sistema e o individual.

Tomando por base a aceção de língua, no conceito saussureano, ela pode ser definida como um sistema de ‘representações’ sobre ser um bem coletivo; o estilo, no entanto, caracteriza-se como um conjunto de ‘expressões’, independente da situação do indivíduo. Essa individualização não pode ser vista como o extremo: estamos imbuídos por demais da atmosfera social para supor a respeito de uma originalidade a cem por cento. “O estilo individual se esbate, assim, no estilo de uma época, de uma classe, de uma cidade, de um país. E é desta sorte que se pode falar até no estilo de uma língua.” (CÂMARA Jr. (1978, p. 15)

Um dos problemas à delimitação do campo da estilística é a variedade de conceitos de estilo. Murry, citado por Monteiro (1991, p. 9), apresenta três linhas para a análise desse

problema: a) conjunto de traços característicos da personalidade de um escritor, estilo como idiocrassias; b) tudo aquilo que contribui para tornar reconhecível o que alguém escreve, estilo como técnica de exposição; c) realização plena de uma significação universal em uma expressão pessoal e particular, estilo como realização literária. É preciso considerar que essa proposta tríplice de conceitos não esgota os significados possíveis de estilo, o que restringe sua aplicação ao uso individual da linguagem para fins literários. O autor procura resumir sua noção de estilo: “qualidade de linguagem peculiar ao escritor, que comunica emoções ou pensamentos”.

É certo afirmar que valores propriamente individuais são raros, quando pensamos que a expressão literária resulta de uma mescla de fatores ou condicionamentos culturais: influências do meio, da época, da linguagem. Então, parece claro e irrefutável a existência do estilo de uma língua; isto quer dizer que a estilística não pertence tão somente ao estudo do discurso, entendido aqui como a utilização individual de um sistema linguístico na visão estruturalista de Saussure.

Visto como mero aspecto da enunciação, ora como arte consciente do autor, ora como expressão da natureza do homem, Guirald, seguindo uma outra linha de pensamento, define estilo como uma noção flutuante “que transborda sem cessar dos limites onde se pretende encerrá-la, um desses vocábulos caleidoscópios que se transformam no mesmo instante em que nos esforçamos por fixá-los”. (GUIRALD, 1978, 57)

A estilística, na visão desse autor, é considerada como o estudo da expressão linguística; e a palavra estilo, reduzida à sua definição básica, nada mais é que uma maneira de exprimir o pensamento por intermédio da linguagem. Ele avança na discussão conceitual e afirma que, num sentido mais estrito, a expressão do pensamento é a utilização do léxico e das estruturas gramaticais. Por outro lado, pode ser concebido como colaboração, desenvolvimento e exposição do pensamento e, por fim, como uma obra inteira, na totalidade das circunstâncias que a motivam e a informam.

Guirald procura conciliar a estilística linguística à crítica literária. O autor afirma que em cada obra o sentido de uma palavra depende das suas relações com as outras na própria obra. Mas reconhece também a contradição que resulta da aplicação de métodos linguísticos à literatura. Para ele, um dos principais problemas surge em torno do conceito de ‘estrutura’. “Em linguística, este conceito aplica-se à língua e não à fala (ambas no sentido saussureano); neste caso pode-se falar de estilística estrutural, se esta diz respeito ao estudo da fala, ao estudo dos autores?” (GUIRALD citado por YLLERA, 1979, p. 51). O autor tenta resolver

essa contradição identificando o código com o conjunto da obra de um autor, com a obra na sua totalidade, o que permite estudar a sua estrutura.

Face à crítica, o autor propõe duas estilísticas: da expressão e do indivíduo. A primeira parte da linha estruturalista de Bally, compreende o estudo da língua, das relações da forma com o pensamento, pode ser comparada à retórica dos Antigos. A segunda, corrente idealista de Vossler e Leo Spitzer, dá ênfase no estudo das relações da criação expressiva com o indivíduo, ou da coletividade que a cria e a utiliza. Yllera (1979, p. 22) assinala que “Vossler reage violentamente contra o positivismo que imperava no seu tempo e recorre à dupla formulação humboldtiana da linguagem *ergon* (produto criado) e *energeia* (criação)”. Para esse autor, a estilística é uma ciência autônoma que procura explicar e interpretar a natureza da intuição artística, descobrir o princípio e a unidade da obra. Já Leo Spitzer tem como concepção uma estilística mais voltada ao aspecto psíquico da linguagem, isto quer dizer que a cada ‘excitação psíquica’, que se afaste dos hábitos normais da nossa mente, corresponde também na linguagem a um desvio do uso normal.

O fato é que a estilística da expressão não vai além da linguagem, do fato linguístico considerado em si mesmo; a estilística do indivíduo se apropria dessa mesma vertente de estudo, mas em relação aos sujeitos. Portanto, a que considera as estruturas e seu funcionamento dentro do sistema é chamada descritiva por Guirald. A outra é conhecida como genética. “(...) a primeira constitui uma estilística dos efeitos e depende da semântica ou estudo das significações, enquanto a segunda é uma estilística das causas e se aparenta com a crítica literária.” (GUIRALD, 1978, p. 55). É preciso, no entanto, ponderar que à medida que a estilística aspira se tornar uma ciência da expressão é uma retórica também. Retórica no sentido de que se assenta sobre uma nova concepção da função de linguagem e da literatura, concebidas como expressão da natureza do homem e sua relação com os sujeitos e o mundo. Esses são alguns dos postulados que a estilística reconhece; e o linguista imediatamente defronta-se com a noção de estilo. O estilo, entendido como uma forma de encarar a linguagem com uma finalidade expressiva, apresenta-se em função de dois processos: conjunto de escolhas ou afastamento em relação à norma.

Considerando que a estilística estuda a obra literária e os elementos afetivos, conceptuais e imaginativos é que nos propomos analisar os aspectos expressivo-emotivos da obra do poeta Múcio Breckenfeld. No prefácio da obra *Caleidoscópio de Emoções*, Osmar Casagrande, poeta e jornalista, sintetiza a trajetória poética do autor: “poemas que levam Do Desespero à Esperança, sentindo a vibração da vida que busca saídas.” É, pois, o que

encontramos em sua poesia: poemas que falam de acontecimentos do cotidiano com simplicidade e naturalidade. Sua obra apresenta, no aspecto estrutural, poemas curtos - sonetos, acrósticos que homenageiam pessoas e fatos - , estrofes curtas, na maioria compostas por versos livres e brancos.

O poeta se apropria em seus textos da metalinguística. Essa função da linguagem é usada como recurso estilístico: ocorre sempre que a linguagem volta para o seu próprio código. É o que percebemos no poema *A Poesia* do livro *Folhas de um vento espalhado*. É o gosto pela propriedade que a língua tem de voltar-se para si mesma.

Já afirmava famoso vate lusitano  
Que Poesia é engenho e arte  
Palavra exata que da mente parte,  
Inflexão etérea de processo insano

Jogos de letras casadas  
Como amarração delicada.  
Expressa sentimento d'alma,  
Borbulha do coração, sensações abaladas

Verso branco ou metrificado  
Encanta o sensível ser...  
Como folhas de um vento espalhado.

Rima preciosa ou não,  
Pobre ou rica não importa,  
Acalenta nosso sofrido coração. (FVE, p. 15)

É igualmente a tonalidade afetiva que torna, em determinados usos, tão atraente o uso de estrangeirismos. Nos versos a seguir a utilização desses elementos causa uma certa vibração emocional e expressiva.

Quem sóis vós saber?

Conhecimento acumulado,  
Informação lado a lado,  
Bits e bytes só para ter? (FVE, p. 14)

O poeta também utiliza a recorrência de termos como recurso estilístico. A intenção com a repetição é provocar intensidade afetiva aos elementos ‘tanto’, ‘tanta’ e ‘mil’.

Tanta andança...  
Tanto querer...  
Tanta busca...  
Tanto sofrer...  
Mil caminhos a seguir...  
Mil rostos a me fitar...  
Mil esperanças nascidas...  
Mil projetos por acabar... (PP, p. 59)

O uso das reticências alude o título do poema *Poesia Peregrina* e reforça o ato de peregrinar. Expressa, portanto, a ideia de busca e de encontro da vida.

É uma grande interrogação que me persegue: POR QUE?  
Por que tanto desamor?  
Por que tanta mentira?  
Por que, por que?  
Por que enganar tão inocentes corações?  
Por que magoar a quem tanto te amou?  
Por que me jogar neste redemoinho de dúvidas?  
Por que macular a pura alma que me reside?  
Por que minha vida tirada tão jovem ainda  
Por que minha madre secar antes de dar ao mundo seu fruto (PP, p. 40)

Aqui a recorrência se dá a partir da repetição do pronome interrogativo 'por que'. O poema, intitulado *Lamento de Maria*, marca o desejo de respostas a angústias e consternações.

Neste outro exemplo, o poeta se apropria também da função metalinguística, associada ao título do poema, *Antítese*, a qual é referendada em todo o poema. Há ainda a utilização da recorrência de termos quando o autor expressa, de forma melancólica, os sentimentos colidentes e conflitantes.

Querendo amar, só encontro tormento  
e desprezo.

Querendo crescer, só encontro  
pequenez e mesquinharia.

Querendo ser nobre, só consigo ser  
patife, um réptil.

Oh! Onde enxergava grandeza, só  
desolação e penúria.

Oh! Onde avistava pureza, só  
fraqueza e servidão.

(...)

Quando tinha coragem de assumir  
meu erro, só achava dificuldades e  
incompreensão.

Quando derramei meu coração  
sedento, só desencontro e tristeza.

Minha felicidade só é possível com a  
tua desgraça.

A tua ventura, com a minha anulação.

O sentimento que é puro, sendo  
questionado.

A dúvida que a tudo destrói, é certeza

inquestionável. (CE, p. 14 e 15)

A motivação sonora é identificada no poema *Desenvolvendo*: aliteração à base de oclusivas e fricativas.

Desenvolvendo  
Toda a vida  
Vida toda  
Toda vida  
Toda minha  
Minha vida  
Preferida  
(...)  
Desenvolvendo  
Ilusão perdida  
Perdida e ferida  
Ferida profunda  
Profunda perdida  
Preferida (FVE, p. 39)

A tonalidade afetiva dos fonemas oclusivos / p /, / t / e / d /, primeira estrofe, sugere a idéia de sequência e continuidade da vida. É possível sentir essa expressividade, com mais clareza, na presença do alongamento das vogais / o / e / i / dos vocábulos ‘toda’ e ‘vida’, respectivamente sentidas fonologicamente como / t o o o d a / e / v i i i d a /. Na segunda estrofe, as vogais / e / e / a / sugerem a idéia de desilusão, angústia e dor.

Há, também, presença de rimas funcionais que permitem a permuta de valores significativos entre os vocábulos. “Vida toda/Toda vida”, “Ilusão perdida/Perdida e ferida/Ferida profunda”.

O poeta também dialoga com vários textos. Identificamos a presença da intertextualidade no poema *Desabafo de Lorca*.

Quando é que a pureza será fato e não apenas credo?

Será que algum dia, o homem verá a justiça,  
Ou cansarás de correr atrás?  
Aquiles, teu ato foi vil e miserável, mas não serei teu algoz.  
Logo eu que fui vítima, não posso a violência multiplicar  
Mas, por certos, tens consciência,  
E este pouco é que vai te julgar...  
Só quero que eco, apenas um pranto:  
GUERNICA NUNCA MAIS...

Alguns consideram o estilo como um simples aspecto estético da expressão literária, ou seja, eliminação da linguagem “vulgar”, que pode ser compreendida como um mero instrumento de interação; outros atribuem um valor maior à língua popular. Há ainda os que admitem ver no estilo a escolha consciente dos meios de expressão, enquanto outros buscam identificar as forças obscuras, ou melhor, os elementos estéticos, que informam a linguagem ao subconsciente. A mescla desses pontos de vistas se entrelaça, formando uma teia, fio a fio, misturando-se, o que acaba incorporando todo o campo da expressão. E assim, não há fenômeno literário ou linguístico que não possa evocar a estilística para justificar alguma de suas definições.

A análise estilística da obra de Múcio Breckenfeld atende a sua criação poética, ou ainda o que ele tem de poder criador e estético. As obras abordadas apresentam poemas cadenciados, ora com rimas, ora sem. A estrutura do texto revela simplicidade. Fala de coisas do cotidiano. O poeta se atenta para os desvios linguísticos com intuito expressivo-afetivo e capta os elementos que limitam a liberdade de percepção no processo de descodificação. Os traços estilísticos revelam estados de sua alma, sempre latentes na enunciação das palavras. A obra de Múcio Breckenfeld contempla, portanto, essa teia, que é tecida, fio a fio, de expressividade e emotividade.

### **Referências bibliográficas:**

- BRECKENFELD, Múcio. *Folhas de um vento espelhado*. Goiânia: Kelps, 2000.
- BRECKENFELD, Múcio. *Caleidoscópio de emoções*. Palmas: Provisão, 2001.
- BRECKENFELD, Múcio. *Poesia peregrina*. 1ª Ed. Palmas: Provisão, 2007.

CÂMARA JR. Mattoso Joaquim. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro técnico, 1978.

GUIRALD, Pierre. *A estilística*. Trad. Miguel Maillat. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

MONTEIRO, José Lemos. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991.

MURRY, J. Middleton. *O problema do estilo*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.

YLLERA, Alícia. *Estilística, poética e semiótica literária*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.